



nesta edição

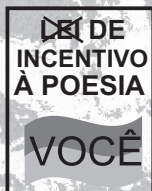
editorial	00
manifesto	02
raquel gaio	03
mayara abrahão	
thiago de carvalho	
sidney machado	
luana weil	04
bruno kury	05
luisa condé	
luis balthazar	06
poemas balthazar	07
rei de quem?	08
nari + samaral	09
origem poética	10/11
antimoda	12
vivian pizing	13
matheus mineiro	
bruno santos	14
su noguchi	
lui morais	15
bárbara barroso	
ana maria ferreira	16
infinito de nada	17
rubem alves + hq	18
a poética dos dias	19
zines e livros	20
fechando a tampa	20



**...POR QUE POESIA, TAMBÉM
É UMA PORRADARIA!**

**“viver é muito mais importante que escrever
o que escrevo nasce da vida que eu vivo”
Jorge Amado**

Surfamento
Literário ACRE
LITERATURA NA RUA
edição 003 - Março/Maio'14
outrasdimensoes@gmail.com



É fila, José

Thiago de Carvalho - RJ
thiago744@yahoo.com.br

José cansou-se de filas Fila pro pão Fila no caixa do mercado Fila no caixa do banco E pra sentar no banco No restaurante Na banca de jornal Na barraca de pipoca E de tapioca Fila no posto de conveniência E no posto médico Pra saber, José, que tá morrendo E vai, José, adiar a morte Pega fila pro coração bater Tem fila pra pegar remédio E pra pagar remédio Fila pra entrar no elevador E pra sair do elevador Fila no ponto de ônibus E pra descer do ônibus José entra em fila Que não sabe nem para o que é Fila pra loteria Pro cinema Pro parque E pro teatro É fila que não acaba E se José já não aguenta Pega o carro e sai Mas em toda rua tem fila Pro carro passar Fila, José, um cigarro Pra aguentar tanta fila.

ACRE
003

eu, novamente,
preparo o café da manhã
enquanto você arranca meus cílios.
vou me desfiando
falando pra você não correr assim tão depressa
sobre o meu deslize.
você ignora meus ruídos
e arranca uma flor do meu ventre.

- você não ouve minhas pernas-
e seu jejum rapta meu sono.

Tenho nas manhãs em que passo com você,
uma imprecisão na medida do café.

Raquel Gaio - RJ
quelgaio@gmail.com

Fico pra dentro
e bato
as cinzas
Brinco lá dentro
e faço as rimas
na certa
estão tortas

Mayara Abrahão -RJ

cair
regredir
sucumbir
no devir
de uma sombra
um produto
a priori
incerto
inquieta
reduzido indireto
de dias
famintos
expressos
ofertados
em excesso

Sidney Machado - RJ
sidneisantos1989@gmail.com
literaturaindependente.blogspot.com

MANIFESTO A MANIFESTOS

lex tavares



Manifesto um manifesto a manifestos manifestando repúdio a todos os manifestos maniqueístas maníacos-manifestantes. repudio a manifestação liberação das opressões miniaturizadas minimante e maniacamente planejadas. repudio o repúdio mudo a muda moda do mundo. repudio tudo. Tudomudomundo tudomudamundo. tudo muito todo muito pessoal. tudo muito real. tudo são e salvo de outro. ouro intelectual preservado imparcial praticado irreal []mente. manifesto um manifesto por manifestos manifestados por coleções psicológicas. psicopedagógicas. coletivos [cole ativos] colecionados cooperativamente. ativamente diante dantes do desejo. manifesto um manifesto me manifestando contra toda imparcialidade incapacidade de interação. não a interação intelectual. pelo imensurável compartilhar social. 01 00 10 10 10 10 01 00 11 01 00 10 01 11 00 00 10 10 10 01 10 10 01 10 01 00 01 10 11 00 11 01 10 01 01 01 00 10 00 10 10 11 10 10 00 11 00 10 01 00 11 09 02 01 40 10 01 00 10 50 50 50 00 10 18 70 01 00 16 00 00 50 40 50 60 00 03 compartilhar-se com partilha consigo e com todos! manifesto um manifesto em favor do favo flavo de mel da preguiça paleolítica. Permissão anarquista de si. manifesto um manifesto pra explosão escatológica de todos os impérios capitalistas. bombas ao mc donnald's! manifesto um manifesto de impulsão ao amor de outros seres. manifesto um manifesto contra as relações superficiais: abaixo ao orkut, e messenger, (facebook). manifesto um manifesto manifestando o descontentamento com a insólida inefável insaciável infatigável de fadiga vida capital contemporânea. desperdício desvirtuamento de psiques. manifesto um manifesto pela apropriação da tecnologia tecnomanifestando-nos aos prazeres burgueses. me manifesto pela reaproximação das pessoas em diferenças. contra toda futilidade! contra toda banalidade! pelo sexo livre de explorações mediocres de venda. Venda nos olhos femininos do frêmito espásmico da liberdade. agora livres para hora da macheza em masturbação... celebremos cada bitetupinique diferente!

da morte, ninguém duvida mas a DÚVIDA TEM VIDA

PRATO DO DIA

Luana Medeiros Weyl
ilustra: Camila do Rosário

Sopa de Letrinhas



Do que é feita uma poesia? O que constitui um verso não é a rima. Sílabas que soam bem juntas são como um laço na embalagem de um presente somente. No máximo, um enigma a se desvendar. Já pensou porque que o amor rima com terror? A dúvida tem vida. Não existem verdades inquestionáveis. As mentiras é que se trancam a sete-chaves em um templo sagrado, onde tudo está dado. E no jogo de dados, você talvez prefira rimar com a morte. A poesia é então feita de palavras. Ditas em vão? O que é relevante afinal? Como saber o que pode ou não ser dito? O ditador dita e você, copia? Dependendo do que for ditado, um novo paradigma será enunciado. É por isso que é tão importante escolher bem quem vai falar e ser ouvido. Já que ainda não conseguiram impedir as pessoas de nascerem com voz e sentimentos, foram os meios de comunicação em massa que prometeram fazer macarronada, mas pra calar a nossa boca, dão sopa. ditado do dia: só tem sentido aquilo que não é empurrado goela abaixo, pois é na língua que se sente o sabor das coisas.

As palavras são democráticas. As palavras não estão terminadas. As palavras não possuem significados próprios, pq elas estão sendo construídos a cada frase. O dicionário era um presídio ao qual se fez rebelião. O dicionário é como o poder, uma mentira. Tudo pode ser dito. Mas só será lido aquilo que tiver sentido. E o que tem sentido? O que é terror pra mim, não é terror pra você. E meu amor não se alimenta de letras boiando em água morna. Eu desisti de esperar para encontrar aquela corrente religiosa, aquela filosofia, aquele partido, aquele deus encarnado, aquela cara-metade. Não é que eu não acredite que eles existam, mas é que eu não acredito que eu possa ser salva, pois da mesma forma que decidi rasgar a placenta para nascer, sem saber bem o que era viver... agora eu decidi pagar pra ver o que é que não se pode fazer?

[com purpurina vermelha a frase diz "FOME DE TUDO..."]

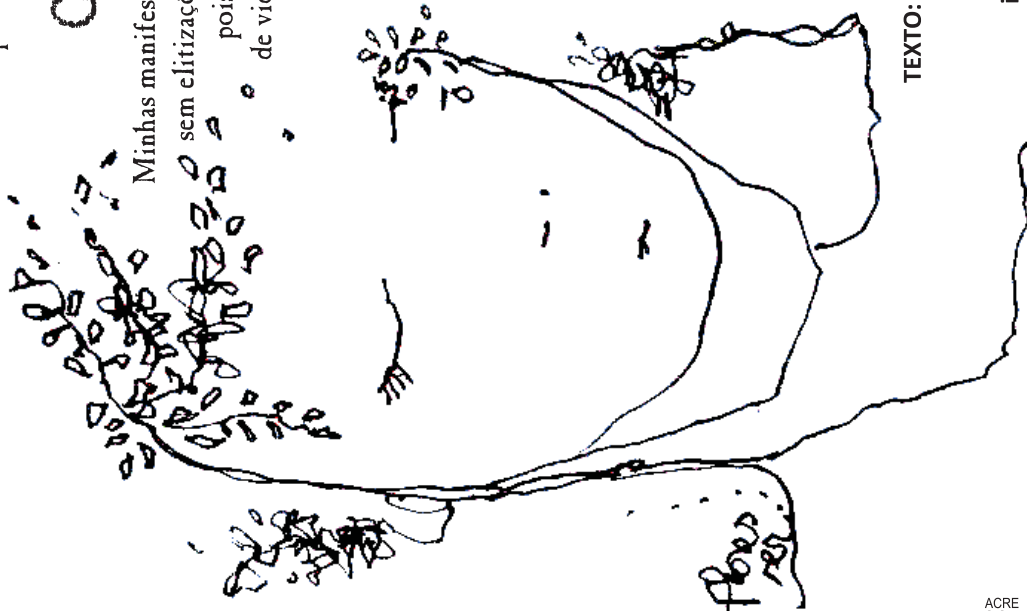
Meu corpo pássaro amputado, preto-prata, desossado na mesa.
Canibália sem classe, performando com excremento;
minha arte tirando referências, meu corpo também.
Me corto e me lambo, me mordem e saem pedaços de couro e carcaça.
Híjras santificadas.

Desterritorializei tudo o que puder,
meu corpo se desintegrará de mim e serrei

CORPAR

Minhas manifestações serão pobres e podres,
sem elitizações de palavras e argumentos,
pois são apenas experimentações
de vidas brilhosas e escorregadias.

As
contribuições
do
erro.
ref abrevia



TEXTO: Bruno Kury (Coletivo Coiote)
brunokury@ig.com.br
TRAÇOS: Luísa Condé
inorganicidade.blogspot.com

ACRE
005

TODOS OS POEMAS DESTA POR PÁGINA LUIZ BALTHAZAR

VIVOS

EIS SEUS POEMAS
RESTOS DE SUA
MORTE



rômulo ferreira

"o uivo dos bueiros, becós e vielas"

CREPÚSCULO

Me inspira
O sono dos vadios
Ouço o violão
Que me traz
O luar
Para o chão
Do meu quarto.
Então, mãos rezam
Pela dor na alma,
Pelo adeus,
Pela fonte que secou
Pelo fim do crepúsculo

&PASSADO PRESENTE

Jogamos fora
Todos os jornais velhos.
A poeira toma
Conta da estante.
Não precisamos
Mais escrever
Viver já é um poema.

EXPERIÊNCIA

Viver
Me fez
Conhecer o mundo
Viver
Me fez
Escrever muito.

próxima cidade

próxima cidade/onde mora/
a mulher de tatuagem no braço
direito/próxima cidade/
onde conheci a garota de cabelos
vermelhos/
próxima cidade onde rondam
sombras nas noites de crimes/
próxima cidade
próxima parada
próxima cidade

ACRE
007

REVIVENDO

outra vez
garrafas de
cervejas vazias
em tardes de domingos.
estivemos sempre só
o mesmo semblante decadente.

A CASA

A oeste dos E.U.A
Há uma casa
Que se ouve BLUES
e ROCK'N'ROLL.
A oeste dos E.U.A
Há uma casa
De jogos e bebidas.
A oeste dos E.U.A
Há uma casa
De amores perdidos.
A oeste dos E.U.A
Há uma casa
Que foi a ruína
De muitos pobres rapazes.



Ginsberg, Ferlinghetti, Kerouac, Corso, e Burroughs são alguns dos expoentes da literatura beat, um marco do campo literário na década de 1950 e 1960 dos EUA, essa poesia, pungente de uma forma livre de enquadramento como um soneto, isso ou aquilo, foi fruto da vontade de alguns jovens da época na procura de expressar experiências, descobertas e aventuras. Poesia como meio de registrar/expressar a vida em seu dia a dia, resumidamente é a **poesia beat**.

VIVEMOS/ O QUE LAMENTAMOS/ REVIVEMOS O QUE PERDEMOS/ MORREMOS/ SEM NUNCA TER LUIZ BALTHAZAR

UM POETA BEAT ENTRE NÓS

E é em Barbacena MG, que essa poesia ainda se expressa pela verve incansável de **Luiz Balthazar**, 66 anos. Além de poeta, é editor de fanzines alternativos, com produção em xerox e curta tiragem. Sua poesia se destaca pela originalidade e pela aproximação ao movimento de resistência literária que foi o movimento beat. Com mais de 30 anos de carreira e nenhum livro até então editado, o poeta segue sua tarefa de espalhar poesia pelo mundo através de pequenas inserções em jornais de circulação nacional e nos adoráveis fanzines.

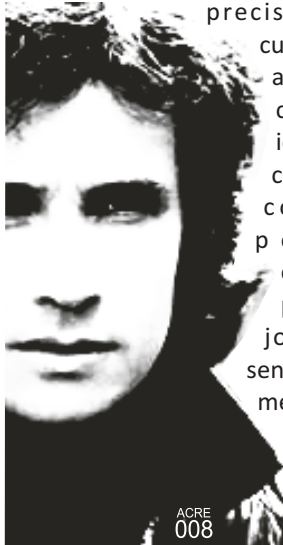
ACRE
006

“A literatura Beat é muito mais do que simples inspiração ou folhas e folhas escritas. É um estilo de vida que está muito mais para o underground do que para a mídia de forma geral”, explica. O poeta que já se correspondeu com o autor de “O Uivo” (Allen Ginsberg), conclui, “a maioria dos escritores “beat” já morreram, mas suas obras, às vezes irreverentes, às vezes de uma profundidade sem limites, sobreviveram e ainda servem como referência para muita gente que colocou o pé na estrada na época devida e que agora luta pelo fim da hipocrisia da sociedade.”

“*Conheci o Balthazar lá por volta dos anos de 2001/02. Eu ainda morava em MG, e tinha dentre meus delírios, trocar cartas com a turma que produzia zines, revistas “DIY”, discos, k7's, etc... Foi numa destas cartas que comecei minha amizade como poeta Balthazar e outros mais. Uma amizade que tinha com pano de fundo a poesia. Eu, ainda bem jovem na época, louco pelas loucuras de Kerouac e cia, o Balthazar um cara já rodado, conhecedor profundo e grande admirador da turma beat. Bastou umas duas cartas para não parar nunca mais. E com esta brincadeira lá se vão quase 15 anos de muita correspondência, de muito aprendizado e cumplicidade. (*nota do editor)

REY-YÊ-YÊYÊ ~~REI~~ O MUNDO POP É DEMOCRÁTICO?

O mundo pop é fascinante. Pela sua diversidade, níveis de raciocínio, apelo mercadológico e pela sua esquizofrênica forma de abordar sentimentos completamente distintos. Um exemplo disso é imaginar que a Jovem Guarda é o movimento que de início a toda movimentação Rock brasuca... Alguém precisa implantar cultura pop em algum lugar com alguma ideia diferente, com afinco comercial e poder de consumo, principalmente jovem. Nesse sentido da ordem me encontro com Roberto Carlos que há quatro décadas ficou o rock



ACRE
008

na juventude brasileira. Apoderou-se do rebolado de Elvis, e entendeu bem, o que era aquilo tudo. Na sua essência o rock feito por Roberto Carlos era orgânico e de fácil aceitação por sua forma breve e curta de abordar temas tabus como sexo, drogas e amor. Desde 1961 com o lançamento de “Louco por Você” ele não parou mais de vender discos.

ROBERTO CARLOS BRAGA, nascido em 1941 foi e é um dos mais conceituados românticos da música mundial, ao lado de JULIO IGLESIAS, mas nem isso foi suficiente para sua mera reflexão sobre democracia, liberdade de imprensa ou mesmo respeito para com seu público. Dono de uma vasta obra pop e dono de vários arquétipos, entre eles o de “Rei”, levou os trilhos do trem do nosso “marqueteiro” pop enferrujar-se ao passar dos anos. Tomando o uso da palavra... Há mais de um ano, o biógrafo PAULO CESAR DE ARAÚJO teve perda toda sua pesquisa de dez anos sobre a vida do REI ao relatar em seu livro “ROBERTO CARLOS EM DETALHES” detalhes demais. Amparado por advogados da emissora dona dos direitos artísticos do cantor, o juiz que não vem ao

caso citar o nome, bateu o martelo e deu causa ao “REI” dizendo que o biógrafo não tinha o direito de abordar certas linhas que ali estão. O fato não lembrou nenhum pouco o mesmo afinco por ele apresentado ao entrar no mercado pop. Que vendeu uma imagem de representante jovem por anos, representando uma juventude menos

enquadrada e com “mais atitude” e liberal. Por fim, sem repercussão na mídia, sem direito a especial de fim de ano, nem direito de trabalhar ao biógrafo, o fato ficou engasgado na garganta de pessoas que falam em liberdade de imprensa em nosso enorme país esquecido. E que reflete sentimentos estranhos a respeito de quando o pop atrapalha a democracia. Ou o pop nunca foi democrático? “A constituição brasileira parece ter sido feita por um Frankenstein, se de um lado ela permite a liberdade de expressão, do outro garante o direito de imagem de uma pessoa, impossibilitando que se conte sua história.” Argumenta o biógrafo.

por Correia - Ribeira do Pombal - BA

MECHANICALBRIDE

```
> ----- U R invited to witness participate process
>
>
>           P o e m  b y  N a r i   >
>   (V) | 3   * (V) e < ++ \ | V ! < \ | _ | 3 | 7 . ! | > e
>   >         Webartery Defib++  SU 12 MR 00  1200 PST <
>                                     2000 GMT <
> ----- http://webartery.com
```

LIVE IRC <

```
GIF87aZž*ž(V)žēž<ž++ž/\ž|Vž!ž<ž/\ž|ž|ž|3ž|7.ž!ž|>žē
*ö@çúî=þœ+Äçñ(œ@îfmeœJQJèðššT³ÜieëœœJðœœp6òèöqé
FÄYóáúPœé..wC~œèóçœXE3œEh,ø2"Èœ™,œŸœiœœ00úwú@áÉùàj
j!úx°šJ*ÈœÑé*Všœœb>àxŸY|<>;œœœ7œœœüA|KÉY,,œ<+°¼0kf
,=m-ò-xiWm.)œPME>,î²œœÍ).<ñMø+Wáœœ;:YœŸiœZ;u/ð%,Siš
³[ùòœ4øİ À]iœœœAwœœB9Äœb',Páç*£4YóðNbœœŸYÜœž &,½È...œ
QÍ4š~rv~dœCKžpÈmÄSN-Qs&~fpsñaFœœ½@+Y/ŸíkŮ ò-JœœÄ...
.ð@íéšâœœœž40ž,Yžiyžimžñ)YóIYóiy-œœ:YúœYúœYéYœPbn
```

* M E C H A N I C A L B R I D E

```
> Tempor[t]al source/target net.art inter[tra]ject(ory) on Live
> intention/execution Event point -- [hyper]mediating threshold
>>Event intention/execution -- Live source/target net.art point
> [hyper]mediating Tempor[t]al on threshold inter[tra]ject(ory)
>>Live [hyper]mediating inter[tra]ject(ory) intention/execution
> on source/target Tempor[t]al Event point threshold -- net.art
    Thanks to: Webartery, Modem Bride Magazine, Marcel Duchamp
```

[MECHANICALBRIDE] <http://warnell.com/syntac/mcbride.htm>

Visualidade em poema moderno... por Nari

partículas e da grandiosidade do cosmos. "O sol é do tamanho de um pé humano" disse Heráclito, numa formação que antes de ser científica é poética e antes de ser poética é sagrada. Não é uma afirmação ingênua, como poderiam pensar alguns. Heráclito sabia da distância do sol, mas sabia também que o sol era sim, como ainda hoje é, a medida do homem. Esse sol adquiria uma dimensão poeticamente moldável como o horizonte de Manuel de Barros, onde se enfiam pregos, ou a flor flamejante de Sousândrade. É a dimensão onde as coisas são e deixam de ser.

A nós, homens modernos, depois do cogito cartesiano, depois da metafísica Kantiana, depois que o homem expulsou os deuses de seu convívio e se tornou seu próprio deus através da ciência em detrimento da poesia, isso tudo parece distante e absurdo. Não entendemos que o conhecimento científico é uma interpretação do mundo tão

"fantástica" quanto qualquer outra. A ciência explica que a lua é um satélite. Mas esta não é a lua, uma das facetas da lua. A lua é isso e muito mais. A lua é a lua de Lin Sao, que pende madura na ponta de um galho, é a lua de São Jorge, é Selene, é a lua dos mitos, todas diferentes e a mesma. Os próprios cientistas hoje se dão conta do absurdo que é a realidade. Ilya Prigongine, prêmio Nobel de física, afirmou ser a realidade somente uma das realizações do possível.

O absurdo da poesia não é nada mais que o absurdo do real. A poesia e a arte não surgiram num momento específico, mas surgem a cada instante e com ela o homem, pois nisso consiste a cultura, a constante atualização do homem como homem. Pois só pode ser sendo, num constante processo de desvelo poético. Nos percebemos humanos e mortais a cada ato – e é disso que vem a poesia. Por isso, ao contrário da visão linear do senso comum, a arte não é um jogo subjetivo de gênios excêntricos. Sua

essência sagrada está na física moderna e clássica, está nas habitações, na matemática, em todos nós. A poesia é a linguagem primordial de todo espanto e está na essência de tudo que produzimos, enquanto ato criador não alienado. A poesia é o que permite o real, ainda que hoje o real a oculte, entulhado na rotina dos sistemas.



Ame.

Ame.

RICA LA
TINA

Ame.

RICA LA
TINA

Amé.

RICA LA
TINA

sequência do filme S8 - "AME" - samaral/péo/joão carlos sampaio 1975/76

A ORIGEM DA POESIA

Falar da origem da poesia é o mesmo que falar da origem do homem: visto que sem a poesia não poderia haver o homem. Claro que essa afirmação vai contra tudo o que estamos acostumados a ouvir e entender por poesia e por origem, e só poderia ser minimamente aceita se questionarmos antes duas posturas que estão no cerne de nossa maneira de pensar: 1) a compreensão evolutiva do espaço, do tempo e da história, e 2) a noção, tão insistentemente fundamentada pela funcionalidade do

sistema de produção e consumo, de que a arte é uma forma de entretenimento, um meio de expressão, uma válvula de escape, enfim, uma fantasia sem importância feita para embelezar o mundo.

Essa visão, da instrumentalidade da poesia, da linguagem e da história nos faz entrever o mundo como uma série de processos separados, onde arte nada tem a ver com a realidade, distante da história, da física, da biologia, da economia e da política. Na verdade todas as coisas do homem surgem a partir de um mesmo princípio, que é o agir do homem enquanto agir-se. Na Grécia antiga, havia um termo para isso: *Poiesis*. Princípio pelo qual se dava a criação. Acontece que a instrumentalidade da linguagem acarreta uma instrumentalidade do homem, e este perde o que existe de essencial no fazer, que é criar, tornando-se assim, mero repetidor em função do sistema.

E dentre todas as coisas que o

homem age a poesia é a mais importante. Pois a poesia não é uma coisa entre outras coisas. A poesia não é um mero jogo que utiliza a linguagem como matéria prima a ser trabalhada, muito pelo contrário, é a poesia que tornou e torna a linguagem possível, sempre. A poesia é o primeiro e mais fundamental testemunho do homem, atestação de sua presença e de seu pertencimento à Terra. É assim que ele se manifesta enquanto linguagem, e então, enquanto homem.

Basta lembrar que os primeiros físicos do ocidente, sobretudo, eram poetas. Na verdade nem havia diferença entre ser poeta, físico, matemático, pois em todas essas coisas havia a dimensão do sagrado. Estes eram homens espantados diante da complexidade da *physis* que se erguia com seus grandes milagres e tempestades. O mesmo espanto que, milhares de anos depois, acompanha o cientista de hoje diante da imprevisibilidade das



O DILEMA EXTRA MUSICAL DOS BAIANOS: COM QUE ROUPA EU VOU?

artigo originalmente publicado em 13 de novembro de 1968

Para a plateia comum, eles cantariam melhor se usassem roupas menos berrantes. Para os colegas músicos que se apresentavam de terno e gravata, eles são “exibicionistas”. O próprio Chacrinha acha que “eles exageram muito, podiam ser mais discretos”. Para os tropicalistas, a roupa faz parte do espetáculo: se a canção se chama “Dom Quixote”, Os Mutantes cantarão com trajes medievais; em “2001”, modinha caipira sobre a era espacial, os intérpretes vestem alternadamente macacões de astronauta e roupas de caipira. O costureiro de fantasias de carnaval Evandro de Castro Lima acha essas roupas “de muito mal gosto”. O costureiro Clodovil admite a roupa diferente, mas “sem luxo, é um lixo: ficam com cara de sujos”. Guilherme Araújo, empresário dos baianos há três anos e responsável pela sua “imagem”, é contra o luxo ostensivo. “Usamos aqueles colares selvagens para humanizar o luxo que nossa costureira, Regina Boni, ainda põe nas roupas.” E a própria Regina Boni, sobre seu trabalho: “Não quero fazer moda, mas antimoda. A roupa é o que usamos, porque é gostoso e útil. Não me importo com o conceito de beleza”.

LEMBRETE DO SUBDESENVOLVIMENTO

A criação das roupas é no grupo da Tropicália um trabalho de equipe. O guarda-roupa de Caetano, Gilberto Gil, Gal Costa, Os Mutantes, e, Beat Boys para o III FIC custou 3.500 cruzeiros novos. A roupa de plástico de Caetano, que tanta confusão provocou em “É proibido proibir”. Custou apenas 150 cruzeiros novos. “A roupa combinava com a música e era diferente”, diz Caetano, “refletindo o brilho das luzes, criava um clima para o som.” Segundo os tropicalistas, como o plástico é coisa da era industrial, Caetano achou oportuno usar colares de macumba como “um lembrete do nosso subdesenvolvimento”. Colares,

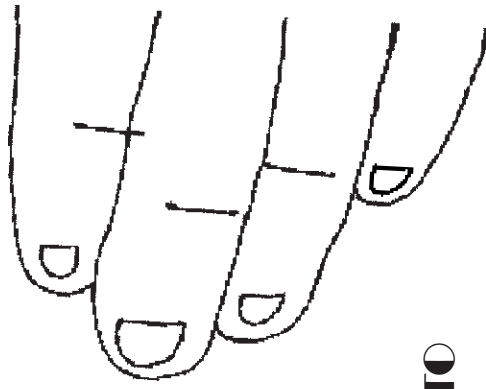
cintos, plumas e outros detalhes de vestimenta são às vezes trocados pelos baianos num sistema de rodízio, rigorosamente disciplinado por Guilherme Araújo. Foi ele quem obrigou Gilberto Gil a deixar crescer a barba e o bigode, a três meses de regime para emagrecer e a vestir roupas estilo africano. Obrigou também Caetano a cultivar a sua cabeleira atual (na época, 60 e lá vai tampa...). Para Rita Lee de Os Mutantes, “uma apresentação é um todo. Como fazemos uma música que quebra os padrões tradicionais, nossa roupa também terá que representar uma ruptura. Em nós isso cola. Se acham que não, imaginem só o Agnaldo Rayol entrando no palco vestido de toureiro, ou a Ângela Maria vestida de noiva...”

QUEDA

Vivian Pizzinga - RJ
www.vaganoiteblogspot.com

O coração anda amolecendo, e não é por compaixão, dó ou covardia, nem por excesso de esforço ou frustrações reiteradas. Ele perde o vigor e anda curvado, quase encosta o chão, arrasta-se pesado nas cavidades do tórax, migra de lá para cá buscando solucionar uma claustrofobia que vem recrudescendo, percebe as reentrâncias do solo - o solo das vísceras - como nunca antes. Ele cheira seus próprios passos, engatinha colado à sua sombra. A tonteira se aproxima desse músculo avermelhado. Está

d
es
P
enc
a
n
do
.



LIBELULALÍSSE DE ESPÍRITO

entrar na barriga de uma libélula para que na última metamorfose dela rompa seu exoesqueleto pelo dorso e libere a cabeça e o abdome e retorne um homem com asas sólidas e secas batendo-as 50 vezes por segundo na calçada esburacada do mundo. Mas se preciso for deixo grafitado nas costas de um rio a palavra libélula e feito um feto me finco dentro dela pois necessário do libélular de espírito. Antes o bio indicar neste século que se pulveriza pelo pasto de asfalto explodindo feito cabrito e berrando feito um meteorito.

Matheus Mineiro - MG
www.apologiapoetica.blogspot.com

ACRE
013



Raphael Jacques
raphaeljacques.blogspot.com

tente fazer o caminho 0219VNI da palavra

É horrível reinventar uma perfeição nova que supera todos os erros do presente. Atada neste instante eu futuro esta solenidade apreciativa deste avanço que está por vir, mas não chega. Pois eu sempre erro no caminho, e me prometo tentar novamente. Só de pensar meu espírito se eleva de tanta realização. Parece que pensando bem, pouco fiz até o momento. Me refiz! Pronto! E este instante? Aperfeiçoará por mais um segundo?

**AGORA
AGORA AGORA AGORA AGORA AGORA
AGORA.**

Ana Maria Ferreira
mariajoana@gmail.com

**perca
me perca
e desapareça!
ou não
só me parta e reparta
quantas vezes for
assim me pondo em partes
partes suas
partes nossas
então, parta.
Todas as outras vezes
você e esses outros três
mais uma vez partindo-me em dez
parta
e reparta
só mais uma vez!**

Bárbara Barroso - RJ
babirhcp@gmail.com

ACRE
015

ferveção quando te vejo

Tirar você do seu namorado
Pra mim faz todo o sentido do mundo
Não é nem um pouco antiético
Fazer você totalmente feliz
E você sabe que um nome
Não é nada ou é só um nome
Mas o seus olhos brilham
Os seus pés trilham
Um caminho chamado
Luis
Minha querida
Eu quero você e isso é real
E eu prezo tudo que é meu
Então, ferveu

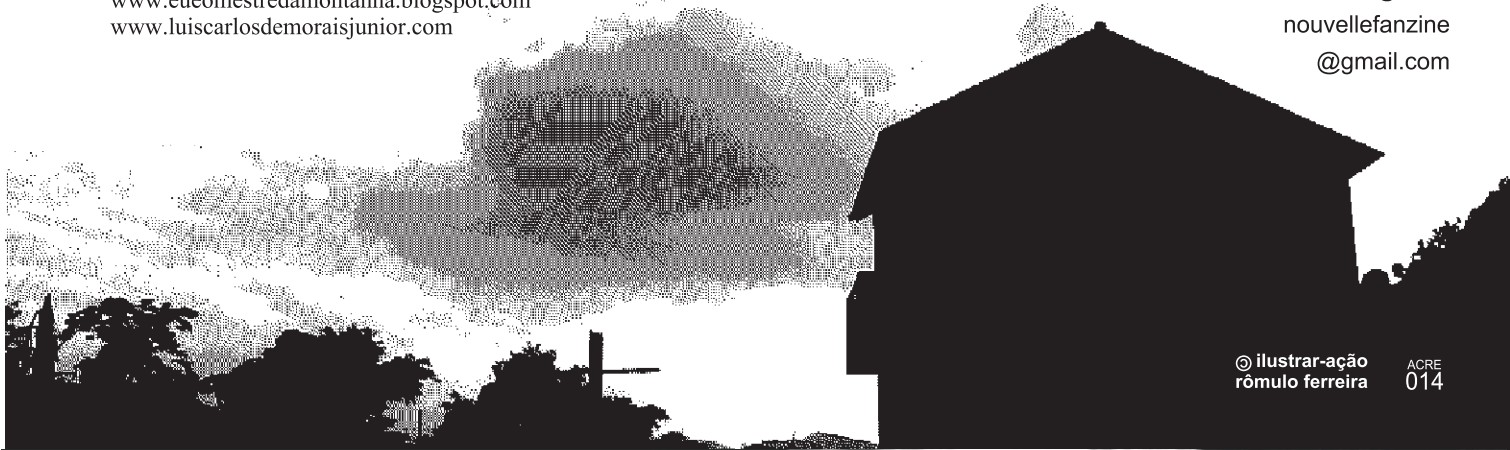
Luis Carlos de Moraes Junior - RJ
lmoraisjunior@uol.com.br
www.euomestredamontanha.blogspot.com
www.luiscarlosdemoraisjunior.com

Ledo leitor de livres livros
de revistas vistas
de poemas retóricos,
fatos históricos (empoeirados).
Leitor de romances,
nuances de um
olhar clínico, lírico
de descobertas alheias.
Ledo leitor procura saída
nas páginas inversas.
Vai de conversas
em conversas
Encontrar os finais felizes.

Bruno Santos - MG
bruno.artefinal@hotmail.com

Poesia abraça a praça.
Público em estado de graça.
Palavras correm soltas.
Crianças afoitas soletram
“f-u-t-u-r-o”.
Jovens grafitam “liberdade” no muro.
Querem ficar bem na fita.
“Igualdade”, um grupo de mulheres recita.
Idosos, nos bancos sentados,
como uma confraria, tentam rimar
“respeito” com “aposentadoria”.
Trabalhadores a atravessam, apressados.
Precisam fazer valer a palavra “salário”.
E você, quais palavras tem usado
do seu dicionário?

Su Noguchi
nouvellefanzine
@gmail.com



© ilustrar-ção
rômulo ferreira ACRE
014

“

**todas as coisas às quais me dou,
tornam-se ricas e me consomem**

ACRE
016

Fragmento: Rainer Maria Rilke
colagem por Rômulo Ferreira (março'14)





ABORTED BABIES - fotomontagem, 9x14 cm

Editor: Daniel Marinho – Daniel_portnoy666@hotmail.com

BARULHO - poesia e ilustrações, 10x15 cm, 16 pgs

Editora: Luísa Condé – www.inorganicidade.blogspot.com

CASA DE LATA - poesia, 10x15 cm, 8 pgs

Editor: Orlando Nelson Pacheco Acuña – Santander nº02060

Villa Cautín – Chile – Código Postal: 4811679

COMBATENTE ZINE - cultura pop, 14x21cm, 4 pgs

Editor: Filipe Jazz – Filipe_jazz@hotmail.com

DAVID BEAT - imagens, 10x15 cm, 16 pgs

Editor: David Beat – poesia independente.blogspot.com

INDIGNAÇÃO - poesia, 6,5x10 cm, 8 pgs

Editor: Sidney Santos – literaturaindependente.blogspot.com

ME PÕEM ASAS - poesia, 10x10 cm, 20 pgs

Editor: Matt Paiva – mmccpp@gmail.com

http://saiaodosistema.blogspot.br/

PLANTA NA RUA - ecologia, 10x15 cm, 8 pgs

Editor: Monotelha - plantanarua@gmail.com ou plantanarua.blogspot.com

PROCESSOS: (PONTO INICIAL) - poesia, 10x15 cm, 16pgs

Editor: Nilson Alves – nilsonalvesk8@hotmail.com

REBOCO CAÍDO - cultura e protesto, 14x21 cm, 12pgs

Editor: Fabio Barbosa, FSB@yahoo.com.br

SILHUETA ART ZINE num. 61 - poesia e ilustrações, 10x15 cm, 8 pgs

Editor: Rômulo Ferreira – www.romulopherreira.blogspot.com

SOB O SOL SOBRE A SOMBRA - poesia, 6x15 cm, 8 pgs

Editora: Fernanda Tatagiba – sobosolobreasombra.blogspot.com

TRAGAM SEUS MORTOS OU NAU DOS LOUCOS - prosa, 10 x 15 cm, 8 pgs

Editor: Fernando Rodrigues – fernandorodrigues@hotmail.com

TROPICAL 2 - poesia concreta, 10x15 cm, 16 pgs

Editor: Alexandre Tinoco – alexandretinoco.blogspot.com

ZINE PARAFRASEANDO - poesia, pdf, num. de pgs variável

Editor: Arziel Dutra – arzielid@hotmail.com

zines || contatos // LIVROS

AGRE 019

NAVIOS INVISÍVEIS - PROSA POÉTICA
Livro artesanal, 160 pgs, 14x21 cm, 2012
AUTOR: David Monsores – David_tab@hotmail.com

DESPOESIA E OUTROS TEXTOS PÓS-POÉTICOS - POESIA
Livro artesanal, 60 pgs, 10x15 cm, 2014
AUTOR: Rômulo Ferreira – www.romulopherreira.blogspot.com

TOCO SANTO - crônica
Livro editora, 63 pgs, 14x21 cm, 2011
AUTOR: Edson Severo – umgirumfalante@hotmail.com

A CACHOEIRA DO POEMA NA FAZENDA DO SEU ASTRAL - POESIA
Livro editora, 77 pgs, 10x15 cm, julho 2013
AUTOR: Matheus José Mineiro – apologiapoetica.blogspot.com



URUBUS E SABIÁS

Rubem Alves

Tudo aconteceu numa terra distante, no tempo em que os bichos falavam... Os urubus, aves por natureza becadas, mas sem grandes dotes para o canto, decidiram que, mesmo contra a natureza, haveriam de se tornar grandes cantores. E para isso fundaram escolas e importaram professores, gargarejaram dó ré mi fá, mandaram imprimir diplomas e fizeram competições entre si, para ver quais deles seriam os mais importantes e teriam a permissão para mandar nos outros. Foi assim que eles organizaram concursos, se deram nomes pomposos, e o sonho de cada urubuzinho, instrutor em início de carreira, era se tornar um respeitável urubu titular, a quem todos chamavam por Vossa Excelência.

Tudo ia muito bem até que a doce tranquilidade da hierarquia foi estremeçada. A floresta foi invadida por bandos de pintassilgos tagarelas, que brincavam com os canários e faziam serenatas com os sabiás... Os velhos urubus entortaram o bico, o ranço encrespou a testa, e eles convocaram pintassilgos e sabiás e canários para um inquérito. “Onde estão os documentos dos concursos?”

E as pobres aves se olharam perplexas, por que nunca haviam imaginado que tais coisas pudessem existir. Não haviam passado por escolas de canto, por que o canto nascera com elas. E nunca apresentaram um diploma para provar que sabiam cantar, mas cantavam, simplesmente...

- Não, assim não pode ser. Cantar sem a titulação devida é um desrespeito à ordem.

E os urubus em uníssono, expulsaram da floresta os pássaros que cantavam sem alvarás...

Moral da história: Em terra de urubus diplomados, não se ouve o canto do sabiá.

Uma maravilhosa HQ abaixo recebemos pela internet sem os devidos créditos ou qualquer outra forma de identificação de autoria. porém, indico o contato de um grande amigo que labuta pela produção e arquivamento dos quadrinhos independentes... **anote ai:**

A/C **Edgar Guimarães** - Quadrinhos Independentes
Rua Capitão Gomes, 168 - Brasópolis - MG
cep: 37530-000 - edgard@ita.br





Caixa Postal 15.210
RJ/RJ cep: 20.031-972
outrasdimensoes@gmail.com
eufuireciclado.blogspot.com



Caixa Postal 15.210
RJ/RJ cep: 20.031-972
outrasdimensoes@gmail.com
eufuireciclado.blogspot.com



Caixa Postal 15.210
RJ/RJ cep: 20.031-972
outrasdimensoes@gmail.com
eufuireciclado.blogspot.com



voltamos! enfim, voltamos! é uma época meio doida e doída para se voltar à tona e estourar alguns miolos com poesia e arte de rua, que no fim do dia sempre salva daquele engarramento... e tome carnaval, preparatórios para não permitir copa de

(i)mundos e jogos olímpicos... mas, venho do futuro, com algumas tochas ainda acesas e com o pavio sempre curto do dia a dia que me enraiza e molda em humana a minha vontade de poesia... que calada cabe, às vezes, no espaço disputado de cada sombra de prédio desta cidade condenada ao sugamento natural pelo mar. venho

também do passado, onde erros e acertos me levaram para o futuro, de uma forma $\frac{1}{2}$ desengonçada e sem brilho. fechei os olhos e somente me deixei fazer o que se faz ao sair da casca do ovo estourada na esperança de um, **somente um**, se **desgarrar...** e renovar algo! garanto a todos: **SUMIREMOS EM 22 ANOS.** e iremos para lugar nenhum! e lançando mão de qualquer

futuro incerto e nem sempre desejado, proponho a leitura deste documento pós-poético de uma época urgente, de uma época de não se saber controlar o tempo cronológico, e outras coisas relacionadas ao não tempo das coisas))) (agora, vamos ao suplemento)(). \\\| + um braço

curto e atrofiado desta veia despoética que os irmãos Campos esticaram lá pelos anos do guaraná com tampa de rolha. não sobrar nada, nem cabe mais nada neste momento! cabe o desejo da leitura. e que todos gostem, pois afinal é feito para que se goste. num gozo sem medos e sem amarras, e sem limites...

rômulo ferreira
romulopherreira@gmail.com

ACRE n° 03